

Discurso da tomada de posse do Presidente do Conselho Nacional do SNESup

Agradeço a vossa presença, em especial aos nossos convidados, que conferem a esta cerimónia – a primeira vez fora de portas – a dimensão pública que ela reclama; honram-nos com a vossa presença, retribuem-nos o reconhecimento que julgamos ter no Ensino Superior e na Ciência em Portugal. Afinal, somos todos portugueses e o que fazemos insere-se no mesmo esforço de cidadania, de participação e de empenhamento democrático no País que queremos melhor, mais desenvolvido, mais inclusivo e com menores assimetrias.

O Ensino consegue atingir esse objectivo, sendo hoje o mais democrático dos recursos sociais disponíveis e, simultaneamente, o que permite maiores índices de desenvolvimento entre países. A nossa causa não é espúria: é sólida.

Sabemos, queremos e fazemos; pois apesar de sermos, a maioria dos que estão aqui, sindicalistas – termo que não rejeito, nem vejo, nunca vi, pejorativamente – somos ainda, e primeiro, agentes educativos, com muitos anos de ligação ao ensino, como estudantes e como docentes. O mesmo do lado da ciência, como aprendizes e como investigadores – ou aprendizes seniores, como lhe prefiro chamar – e a nossa causa é comum.

Damos hoje início ao mandato dos órgãos nacionais do SNESup, eleitos em Assembleia-geral, realizada nos dias 28 e 29 de Junho, que contou com a maior participação dos últimos anos. Um longo processo iniciado em Abril, que culminou com a eleição de todos vós e a quem quero desejar um novo mandato cheio de sucessos. Aos novos membros, bem hajam pela vossa participação; aos que deixaram funções, um abraço amigo e fraterno pelo vosso empenhamento, cheio de sacrifícios; aos que se recandidataram, continuamos a servir o SNESup com o mesmo empenhamento de sempre. Uma palavra ainda de forte agradecimento aos colegas que deixaram a Mesa: Professora Teresa Morgado e Professores Luís Pedro Ribeiro e José Gonzalez. Obrigado pelo vosso empenhamento e colaboração presente e constante. Dou também as boas vindas aos novos membros da Mesa do Conselho Nacional.

Os últimos dois anos foram anos difíceis

de actividade sindical que se expressa nas dificuldades vividas no Ensino Superior e na Ciência em Portugal. Em primeiro lugar, a falta de financiamento crónico do Ensino Superior, que leva muitas vezes à asfixia de algumas instituições, em especial, as mais vulneráveis que necessitam de maior financiamento, não só por serem mais frágeis, como necessitam de reforçar os seus investimentos para se consolidarem e poderem competir com as já consolidadas.

Em segundo lugar, o incumprimento do Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior – RJIES – e dos Estatutos de Carreira, do Ensino Politécnico e do Ensino Universitário, por parte daqueles que deviam estar na linha da frente desse cumprimento: os nossos colegas dirigentes que não poucas vezes se esquecem desse facto e se tornam a mão direita do torniquete financeiro.

Em terceiro lugar, e juntando-se a isto, o incumprimento da Lei do Orçamento e a obstinação em não fazer cumprir e pagar as valorizações remuneratórias que são devidas aos docentes do Ensino Superior. Valorizações que não são o reflexo de progressões de carreira, mas que correspondem à avaliação de desempenho: uma das muitas avaliações que temos e pela acumulação de pontuação cujo trabalho de mérito obriga.

Ainda há poucos dias ouvi, justamente, de um senhor Reitor de uma universidade pública a justificação para o não pagamento da valorização remuneratória e o assunto nem estava enquadrado na iniciativa acolhida pela sua Universidade e pela sua intervenção de boas-vindas. Palavras textuais, os senhores Reitores não “são burros”, provaram, com o seu percurso académico, que sabem gerir as instituições e seria bom cumprir a lei se não se tivesse de infringir outra lei. Neste caso, o senhor Reitor referia-se às leis dos compromissos e do Orçamento, respectivamente.

Como se vê está tudo pensado e só se pode expressar uma palavra de solidariedade com os nossos senhores Reitores, que reservaram para si mesmos e para os membros das suas equipas reitorais – às vezes tão extensas – a classificação de excelente.

Por isso é preciso continuar a luta – a luta



FOTO: SNESUP

Álvaro Borralho, Presidente do Conselho Nacional

pela defesa dos nossos direitos, mas também pelo cumprimento dos objectivos das Instituições de Ensino Superior. Há muito defendo, e penso não me enganar, que hoje quem mais defende, embora não só, o Ensino Superior e a Ciência em Portugal são, em primeiro lugar, as estruturas representativas dos que trabalham nas instituições, em especial os sindicatos, e muito especialmente este sindicato. A nossa história recente comprova-o, mas também a vida longa de mais de duas dezenas de anos que o SNESup leva.

Não é uma queixa, é uma verificação empírica com o valor de sabermos o que se passa nas nossas escolas, nas escolas dos nossos colegas sindicalizados e no País. Sim, é verdade, somos o maior fórum do Ensino Superior em Portugal e a nossa verdade actua sem filtros, sem pós-verdades, e sempre de uma forma inclusiva e transparente. Temos sido, somos, e espero continuemos a ser, um sindicato apostada mais na procura de soluções do que na afirmação dos problemas e seria bom que isso fosse reconhecido.

O novo mandato lança novos desafios. A começar, continuar o protesto em favor do pagamento das valorizações remuneratórias, aprovado na última reunião do Conselho Nacional. Enquanto não houver pagamento, e para todos, reconhecendo o nosso esforço, haverá protesto dia 23 de cada mês, em cada estabelecimento de ensino.

Afirmar o Sindicato, reforçando a participação e a presença nas escolas e reforçar a rede de delegados sindicais. Onde há delegados sindicais há menos atropelos aos direitos de cada um e maior cumprimento da lei.

Descentralizar as reuniões do Conselho Nacional, como se fez este último mandato. Temos de fazer do território, País: as reuniões do Conselho Nacional reforçam a nossa visibilidade, tantas vezes ausente por nossa responsabilidade, pois somos mais do que parecemos.

Reforçar a coesão interna ouvindo e dialogando com os nossos colegas.

Rever certos procedimentos e agilizarmos o que podemos, sem sacrificar a transparência e a democraticidade interna – nunca beliscada –, mas colocar maior eficácia nos nossos objectivos.

Desejo por isso um excelente mandato a todos: o trabalho na afirmação do Sindicato que somos todos nós, e todos os que representamos, espera-nos. Mas hoje é também um dia para festejarmos: renovo o agradecimento da vossa presença e convido-vos a acompanhar-nos neste percurso, já que este só se faz ao caminhar. Com confiança.

Muito obrigado.

Lisboa, 14.07.18

-